O VÍNCULO ENTRE ARTE, PSICANÁLISE E LOUCURA: POR UM ESPAÇO DE CRIAÇÃO E INVENÇÃO

Ana Paula Parise Malavolta[1]
Camilla Baldicera Biazus[2]

Resumo: A presente escrita busca possibilitar novas reflexões diante da relação entre arte, psicanálise e loucura, deslocando-as do campo da interpretação e do pulsional, para o campo da relação, pensando no espaço de criação e de invenção de novas formas dos sujeitos "ditos loucos" viverem sustentados na/pela sua história. Para a escrita deste artigo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica na modalidade de revisão integrativa da literatura, visando ao estudo exploratório-descritivo. Assim, através desta metodologia procurou-se realizar uma análise teórica sobre a temática, utilizando-se principalmente de duas obras de Freud e de duas obras de Winnicott, além de outras fontes e recursos teóricos (artigos e textos) que também buscam discernir diante do presente estudo, compreendendo a arte enquanto função de *holding*. Portanto, este artigo pretende problematizar e contribuir na construção de novas ideias e reflexões que possam continuar inovando diante da presente temática no campo da Psicologia.

Palavras- chave: Psicanálise. Arte. Loucura. *Holding*.

INTRODUÇÃO

A psicanálise e a arte do século XX nasceram na mesma época e consolidaram suas bases renovadoras em momentos históricos semelhantes, os quais coincidem com processos de resistência e movimentos de inovação diante de uma sociedade ditadora e repressora. Freud (1908) já se perguntava o que estaria por trás da mente criadora e que mecanismos seriam responsáveis por despertar em nós os sentimentos mais profundos e inesperados. Assim, entende-se que a psicanálise sempre explanou interesse e deslumbre pelas origens e segredos envolvidos no processo de criação. Freud, o criador da psicanálise, sempre fez questão de congregar em sua teoria criações artísticas, como é o caso do Édipo Rei, que fundamenta uma de suas principais descobertas, o núcleo da neurose: o complexo de Édipo. Este autor ainda concebeu a arte como uma forma de reconciliar os dois princípios

[1] Acadêmica do X semestre do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Câmpus de Santiago.
[2] Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Câmpus de Santiago.

de funcionamento mental: o princípio do prazer e o princípio da realidade[3] utilizando-se desse campo do saber para elucidar e repensar seus conceitos teóricos (ZOSCHKE, 2006).

Já no campo das artes, de acordo com Buschinelli (2008), diversos movimentos artísticos destacaram a importância da subjetividade, da imaginação e da abstração na arte, mostrando movimentos que vinham ao encontro das noções teóricas da psicanálise, bem como dos seus objetos de estudo. Destaca-se aqui o Movimento Expressionista, o qual surge no final do século XIX com características que ressaltam a subjetividade, onde a intenção do artista é de recriar o mundo e não apenas a de absorvê-lo da mesma forma que é visto. Aqui ele se opõe à objetividade da imagem, destacando, em contrapartida, a singularidade da expressão e opondo-se às normas de arte rebuscadas na beleza e na estética, que até então vigoravam. Este movimento foi marcado pela pesquisa científica individual de artistas que valorizavam as representações do mundo interiorizado e das emoções, tendo a contribuição de correntes filosóficas e psicanalíticas. Assim, no início do século XX, no mesmo momento em que Freud descobria o inconsciente, pintores expressionistas se inspiravam em pacientes asilados para produzir suas obras valorizando o irracional e o espontâneo (ZOSCHKE, 2006).

Neste contexto, de acordo com Rivera (2007), o contato entre a teoria freudiana e arte não se restringe a uma utilização erudita de obras, privilegiadamente literárias, como belas ilustrações da teoria. Ele se revela um verdadeiro entrelaçamento que, aliado à clínica psicanalítica, constitui um momento originário da psicanálise e uma mola propulsora que permite que esta se expanda para além dos limites da psicopatologia, para além da terapêutica da histeria, para atingir um registro universal, da constituição do sujeito.

Como se sabe, Freud sempre se esforçou para elaborar reflexões acerca da arte e do trabalho artístico, assim como Winnicott, que enfatiza a arte em seu contexto genuíno, criativo e sustentador (*holding*) nas formas de "Ser" do sujeito dito "louco" em um espaço potencial. Já para Lacan (1959-1960), a arte caracteriza-se por certo modo de organização em torno do vazio. Vazio que, no centro do vaso, a partir da função artística mais antiga, – a do ceramista – é exemplo do mistério da criação. A arte tem como combustível esse vazio. O mesmo que a ciência ejetou e a psicanálise colocou em seu centro, a arte tem no início, no

[3]Par de expressões introduzido por Sigmund Freud em 1911, a fim de designar os dois princípios que regem o funcionamento psíquico. O primeiro tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer (como o lactente no seio da mãe, por exemplo), e o segundo modifica o primeiro, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa (ROUDINESCO, 1998).

antes dela, como também em seu final, pois ela não faz nada além de expô-lo. O artista, ao criar, renova a relação da arte com o real, faz surgir o objeto em uma renovada dignidade.

Assim, a partir das leituras frente a essa temática, percebe-se que é frequente encontrarmos, principalmente na literatura psicanalítica, o termo sublimação ligado à arte. Mediante Freud (1916), a sublimação seria então um processo no qual as excitações hiperintensas provenientes das diversas fontes da sexualidade encontram escoamento e emprego em outros campos, de modo que de uma disposição em si perigosa resulta um aumento nada insignificante da eficiência psíquica. Assim, é neste processo sublimatório e projetivo de pulsões e conflitos, que se encontra uma das fontes da atividade artística. Parece haver nessas leituras certa relação assimétrica entre arte e psicanálise, em que a última se coloca, por vezes, no lugar de tradutora, interpretadora da obra de arte, do movimento de criação do artista, distribuindo seus conceitos teóricos, a fim de decifrar a arte no lugar de questioná-la e de repensar o seu próprio saber.

Deste modo, de acordo com Winnicott (1975), esta relação da psicanálise com a arte pode ser entendida também por outro paradigma, o da criatividade, enquanto espaço potencial da experiência espontânea, do *holding* e do *handling*, enfatizando o enfoque criativo fora do âmbito conflitivo, como seria na sublimação, e anuncia assim, outro prisma contemplativo nesta relação: o "viver criativo". Ao invés de pensar em maneiras de traduzir a obra de arte, busca-se aqui contemplar o processo, a vivência, a relação do sujeito com a arte, questionando seu próprio saber diante do saber do outro.

Neste sentido, buscando um lugar em que seja possível "ser e fazer" entre a arte e a psicanálise, esse trabalho propõe ainda pensar um terceiro elemento nessa relação: a loucura. Desta forma, considerando a relação da loucura e da arte, percebe-se que, ao longo da história, foi preciso sublinhar que a atribuição de valor artístico às obras de arte criadas pelos "loucos" foi de vital importância para que se iniciasse um movimento de destigmatização da loucura. Assim, considerar a possibilidade do "louco" de criar e de expressar-se implica entender que assim, ele estará apresentando sua história, sua vida e seu sofrimento na relação com a arte, o que lhe permite ser humano em sua singularidade (AUTUORI, 2005).

Desta forma, Foucault (1972) explica que o surgimento da Psicologia produziu uma nova relação que, a partir de então, passa a constituir o ser humano: o homem detém em seu interior a sua própria verdade. O "louco" também é detentor da sua verdade, mas essa verdade talvez esteja oculta e, como ele não consegue alcançá-la, nem decifrá-la, clama

desesperadamente para que ela seja, enfim, revelada. Desta forma, pode-se pensar na arte como sustentação das verdades oprimidas dos "loucos". Portanto, diante das palavras de Foucault, percebe-se que é pela arte que a loucura encontra possibilidades de se expressar, após séculos de silêncio.

Assim, este artigo procura entender a arte por um viés psicanalítico Winnicottiano como o processo de *holding* – sustentação – pois se acredita que a estruturação egoica, bem como a experiência espontânea do viver criativo, pode propiciar ao sujeito a possibilidade de ser realmente humano através da criação de sua própria história, a qual é sustentada pelo fazer artístico.

Nesta perspectiva, é possível observar, segundo Barron, Eagle e Wolitzky (1992), um movimento da psicanálise atual em direção a um novo olhar sobre as psicopatologias, que passam a ser vistas através do modelo relacional e não mais do conflito pulsional. Com isso, passa a ganhar ênfase dentro da psicanálise a qualidade das relações primárias entre a criança e sua mãe, bem como suas consequências para o desenvolvimento posterior do sujeito. Pois, como bem pontua Loparic (2001), as crianças, antes de estarem sujeitas às forças mentais internas, estão sujeitas à ação de um objeto externo, a mãe, responsável em lhe fornecer um ambiente suficientemente bom.

Deste modo, diante do percurso acadêmico, de pesquisas bibliográficas diante do referido assunto e do contato com a Psicanálise Contemporânea, percebeu-se a importância de compreender a relação entre arte, loucura e psicanálise, considerando a arte enquanto função de sustentação destas vidas.

1 MÉTODO

Para a escrita deste artigo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica na modalidade de revisão narrativa da literatura. Estes estudos têm como principal virtude caracterizar aspectos de determinado objeto da pesquisa diante da produção de conhecimento acumulada. Mostram-se especialmente apropriados quando o objeto é pouco recorrente na literatura (GIL, 2008). Assim, através deste método procurou-se realizar uma análise bibliográfica sobre a temática, utilizando-se principalmente de duas obras de Freud e de duas obras de Winnicott, além de outros artigos e textos, na perspectiva de refletir e compreender a arte enquanto função de *holding*.

Cabe enfatizar que se focou em artigos e textos publicados a partir do ano de1995. A busca ocorreu no Portal da CAPES, o qual oferece a possibilidade de acesso a diversas publicações científicas, incluindo banco de dados, teses, monografias, periódicos científicos entre outros. Foram utilizadas as palavras-chave: psicanálise, loucura, arte, *Holding,* criatividade. Desta busca, então, obtiveram-se 11 publicações, cujos títulos e resumos foram lidos integralmente, agrupados diante de suas palavras-chave, considerados e relacionados junto às duas obras de Freud e às duas obras de Winnicott. É importante salientar que alguns autores da Filosofia e das Artes também foram utilizados. Entre eles, destacam-se Nietzsche e Heidegger.

Através deste método, foi possível a construção teórica desta escrita, buscando pensar a arte enquanto *holding,* na medida mesma que se procurou realizar esta escrita como abertura de novos campos possíveis de teorizações da psicanálise na contemporaneidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 "E deu-se o encontro": O encontro entre arte, loucura e psicanálise

"Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro."

Rubem Alves

A loucura faz parte da história ocidental desde os gregos, para quem a produção das doenças era vista como fruto dos vícios ou da escravidão do homem a suas paixões exteriores (Foucault, 1972). A partir do século XVII, o mundo da loucura torna-se o mundo da exclusão, pois é neste momento em que se fundam, em toda a Europa, estabelecimentos pra internar os diferentes – inválidos pobres, velhos na miséria, mendigos, desempregados, criminosos, pessoas com doenças contagiosas, particularmente os leprosos e os loucos – todos aqueles identificados pela ociosidade e incapacidade de participação na sociedade de produção. Desde este momento, a loucura passa a ser silenciada (DESVIAT, 1999).

Neste ínterim, a loucura parece ter sido um dos possíveis elementos provocadores e propulsores para o encontro entre a arte e a psicanálise. O mesmo ocorreu muito devido a

estudos sobre os "*ditos loucos*" e os conflitos psicológicos humanos, através de movimentos de resistência, que buscavam pela desinstitucionalização da loucura e pelo fim do silêncio opressor. Acredita-se que este vínculo aconteceu devido à busca por desvendar o "Ser do Homem"[4] (HEIDEGGER, 2005), tentando entender quais os conflitos que afligem o viver deste *ser*.

Neste sentido, a loucura é sustentada pela arte, quando ambas encontram-se com a psicanálise - enquanto processo criativo e de resistência - a qual tenta colocar à luz os aspectos do inconsciente, sem descuidar dos modos como o sujeito vive e se relaciona. Assim, este vínculo envolve pensar sobre o desenvolvimento e o viver criativo destes sujeitos, diante de suas histórias, suas fragilidades ou estabilidades, pensando também, em seus movimentos nos espaços sociais e culturais.

Deste modo, mediante Neubarth (2009) é tarefa instigante pesquisar o encontro entre arte, psicanálise e loucura, pois se caminha na direção de envolvimento com uma clínica comprometida com pessoas adoecidas e não apenas com as doenças das pessoas. Assim, considerar a presente pesquisa enquanto possibilidade de envolvimento e relação destes três elementos enfatizados pela autora, implica pensar no ser, no fazer, na história, na vida e na relação que estes sujeitos possuem com a arte, enfatizando o papel da psicanálise enquanto dispositivo relacional de novas possibilidades de expressão e entendimento da loucura e do "ser louco".

Diante disso, a arte é percebida por Freud (1913) como um meio caminho, diante de uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados na imaginação. Assim, a gênese da psicanálise de Freud como terapia determinou sua interpretação da arte como neurose sublimada, como sublimação. Winnicott (1975) busca compreender a constituição do sujeito psíquico, redimensionando Freud, e opera com a noção de fenômeno ou objeto transicional, que emerge de uma atividade criativa e espontânea, numa zona intermediária entre o dentro e o fora – área da experiência ilusória ou espaço potencial – que separa aquilo que é concebido subjetivamente do que é objetivamente percebido. Este espaço intermediário, área da ilusão, está ligado ao domínio do lúdico na criança, e, na vida adulta, pode ser constituída pela arte.

[4] O Ser do homem, para Heidegger, é pensado como Dasein, determinação ontológica da existência humana que sempre se traduz nas possibilidades de se relacionar com o seu ser (HEIDEGGER, 2005).

Neste estudo, a relação da arte com a loucura, diante da história de vida dos sujeitos "ditos loucos", procura encontrar na psicanálise uma sustentação e não uma interpretação da neurose sublimatória, como Freud enfatizou. Desta forma, busca-se Winnicott, assegurando o sustentar da história de vida por meio da arte – enquanto possibilidade de *ser criativo* e espontâneo em um espaço potencial – como função de *holding,* pois o que se busca nesta pesquisa, é justamente entender a arte como possibilidade de (re) invenção.

Mediante Winnicott (1975), a função de *holding* se caracteriza como um processo onde o bebê é sustentado no colo pela sua mãe e é, ao mesmo tempo, uma experiência física e simbólica, que significa a firmeza com que é amado e desejado como filho. Desde o momento em que inicia a linha de vida de uma pessoa, a sustentação confiável tem que ser uma característica do ambiente para que a linha não se rompa. Este "segurar" pode resultar em circunstâncias satisfatórias e acelerar o processo de maturação, assim, com a repetição desses cuidados, o suporte materno ajuda o bebê a assentar os fundamentos de sua capacidade de sentir-se real, intensificando a sua posterior integração egoica.

Assim, diante do conceito de *holding* de Winnicott, acredita-se que os sujeitos usam da arte não somente como forma de expressão de seus conflitos e de desejos recalcados e oprimidos, mas também, como meio de sustentação, de (re) invenção, de apresentação e de (re) significação de suas histórias de vida, as quais são materializadas simbolicamente pelo fazer artístico (obras de arte; pinturas de telas; esculturas; artesanatos; etc.).

Portanto, quando Ruben Alves nos fala do encontro, percebe-se a relação que existe entre a arte, a psicanálise e a loucura, acreditando que este encontro ocorreu/ocorre diante da necessidade/possibilidade de (re) existir, de (re) criar e de (re) inventar as formas de *Ser* e *Ver* do/no/pelo mundo. Com isso, busca-se um outro espaço para se pensar a arte, a loucura e a psicanálise, onde os conflitos deixam de ser nosso ponto de partida, abrindo brechas para encontros singulares entre os sujeitos e as diferentes materialidades simbólicas presentes no campo da arte.

Esse espaço que se busca construir aqui almeja lançar luz ao processo e não ao resultado; ao relacional e não ao pulsional; às diferentes possibilidades de sentidos e não há um sentido único. Acreditando que a arte, como espaço potencial e de sustentação entre a realidade interna e externa desses sujeitos, possa possibilitar outras formas de ser e fazer.

2.2 “E o que o ser humano mais aspira é tornar-se ser humano”: Ser Humano na Criação

“... quero uma realidade inventada.”

Clarice Lispector

Na contemporaneidade, falar sobre a relação da arte, loucura e psicanálise implica pensar sobre o “ser artista”. O que é ser artista? O que é preciso para criar? O que é criatividade? Como pensar essa criação hoje em dia?

Diante dessas reflexões, torna-se relevante salientar o processo de criação, diante de Winnicott, que assim como vários pensadores, também desenvolveu sua teoria diante das obras de Freud. Deste modo, mediante Souza (2011, p.91) “o viver criativo de Winnicott não está relacionado a uma necessária criação artística bem sucedida, mas sim a todo e qualquer ser humano que mantenha com o mundo externo uma relação ativa e animada”.

O estudo Winnicottiano sobre a criatividade e sobre o processo de criação artística incide com a proposição universal do ser humano, o qual é puramente capaz de se inclinar, de forma engajada para algo que realiza deliberadamente. Essa suposição está ligada ao estar vivo - sendo humano na criação -, ao indivíduo e sua relação com a realidade externa. Assim, de acordo com Winnicott (1945, pág. 225), “o desenvolvimento do estado de integração desemboca na expressão do ‘eu sou’, ‘eu estou vivo’, ‘eu sou eu mesmo’: a isso, denomina de ser criativo, ou melhor, ‘de viver criativo’. Assim, considerando o ‘viver criativo’ e o ‘ser artista’, enquanto possibilidades genuínas de ser ‘eu mesmo’ enfatiza-se que o ‘... artista é simplesmente aquele que passa ao ato. Ele faz’” (TESSLER, 2004, pág. 25).

Neste contexto, mediante Rivera (2005), o artista, ao falhar no seu próprio ato, abre brechas para que assim possa se produzir além e através dele, isto é, o ato de criação é criador em sua própria natureza. Ele não é o fim e nem o início, mas sim um sempre existir. Diante disso, pode-se pensar que lugar é esse que a criação nos convoca a ocupar. Lugar de envolvimento, fascínio, admiração, horror, nomeação e identificação. A criação, de acordo com a autora, deixa lacunas para serem preenchidas e isso não ocorre por acaso e sim porque essas são ferramentas importantes que caracterizam esse ato e que também o fazem perdurar (BIAZUS, 2008).

Diante do ato do artista, Passeron (2001) afirma que expressar e criar são condutas que não devem ser confundidas. Na expressão, há uma organização da linguagem artística, através da técnica e do material. Enquanto criar é criar uma obra, que vai adquirir vida própria, fora do sujeito que se exprime. Deste modo, entende-se que a criação aproxima-se muito da noção winnicottiana de "viver criativo", pois é genuína do artista, que ocasionará outras representações também verdadeiras daqueles que observam a criação.

A criação parece envolver dessa maneira três elementos importantes: o artista, a obra criada e o público ao qual a obra se destina. Passeron (2001), através de sua reflexão sobre a *pöietica*[5], pontua a interligação entre esses três campos como fundamental para o fazer artístico. A ligação destes três elementos refere-se aqui à pluralidade na responsabilidade pelo ato criador, ferramenta que enlaça essa tríade e dá a esse ato a capacidade de recriar-se a cada observador.

Nesse sentido, pode-se pensar em uma realidade que é inventada ou reinventada, pois o artista no momento genuíno de criação produz movimentos de sua realidade, seus conflitos e seus desejos. Quando esta obra inventada, criada é vista por outro, o mesmo irá vê-la ou (re)inventá-la diante de suas aspirações, e assim, entende-se que o homem se torna humano na criação.

Noemi Kon, autora do livro *Freud e seu duplo* (1996), importante pesquisadora sobre a relação entre psicanálise e arte, aponta a postura oscilante e, por vezes, inconciliável, adotada tanto por Freud, quanto por muitos de seus seguidores, no estudo do ser artista e do ato de criação. Consoante a Kon (2001), isto se deve a um deslocamento do dilema de Freud, ao admitir a fantasia na forma de sua presença, como constitutiva de nossa existência e de nossa realidade. Ele necessitava minimizar a potência fantasmática, buscando uma realidade factual da história do sujeito, mesmo que ela fosse mítica. Essa essência anterior, encontrada sob as formações inconscientes, apoiada em uma vivência esquecida, seria garantia de um sentido para a fantasia que, desta forma, só precisaria ser desvendada. Isto, valendo tanto para a arte, quanto para a psicanálise (NEUBARTH, 2010).

Portanto, quando se enfatiza Clarice Lispector, através da aspiração do ser humano em tornar-se humano, pode-se relacionar a arte enquanto processo de criação, onde o homem se torna humano na/pela criação. Neste sentido, mediante Kon (2001), se admitirmos a força

[5] De acordo com Passeron a poietica refere-se a uma ética da criação, voltada para o fenômeno da criação com todas as suas implicações (PASSERON, 2001).

criadora do imaginário, não se preocupando em decifrar códigos secretos, estaremos diante da criação do artista, que ocorre no ato das experiências singulares, transformando-se em múltiplos sentidos, em novas realidades e possibilidades.

Neste sentido, a relação entre arte e sujeito é tomada não somente como espaço de mobilização de conceitos teóricos psicanalíticos, mas também como espaço de (re) integração, de organização psíquica, de elaboração, de sustentação desta realidade externa e interna desses sujeitos. O ser artista envolve muito mais do que a expressão de conflitos internos, envolve ser humano ativo na criação de sua obra, de sua realidade inventada, a qual vai dizer sobre si e sobre sua vida.

2.3 "Sou como você me vê": A história de vida sustentada na arte

"Sou como você me vê.
Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania,
Depende de quando e como você me vê passar."
Clarice Lispector

No século XIX, com a aparição da arte moderna e da necessidade de um entendimento dos aspectos da criatividade humana, houve um movimento onde a arte despertou interesse de estudo na psiquiatria e na psicologia. Estes estudos diziam respeito ao conhecimento das personalidades dos grandes artistas, as obras dos "loucos" e a função terapêutica da arte (NEUBARTH, 2010).

Mediante Silva, Brito e Dressler (2001) artigos e livros lançados na Europa no começo do século XX sobre a obra de Vincent van Gogh e a arte produzida nas instituições psiquiátricas influenciaram de forma significativa para que, no Brasil, estudiosos como Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1906-1999) desenvolvessem estudos e práticas voltadas a um tratamento humanizado ao indivíduo em sofrimento psíquico. A utilização e divulgação das práticas artísticas nos processos de reabilitação no país feita por estes estudiosos, com efeito, contribuíram para fomentar discussões importantes no campo das artes e da saúde mental.

De acordo com Rivera (2007), a arte é capaz de descentrar um tanto a psicanálise ao relembrar sua posição de produto cultural, fruto de uma época e seus destinos. Após alguns

exageros interpretativos por parte do próprio Freud e de alguns de seus seguidores, a psicanálise retoma uma posição de destaque na reflexão crítica acerca da cultura, ao mesmo tempo em que se deixa questionar e transformar pelo saber acerca do sujeito transmitido pela arte.

Assim, diante destas reflexões, pode-se perceber o quanto a arte possui relação importante com os sujeitos "loucos", principalmente com os que estão asilados em Instituições Psiquiátricas. O livro *Eu sou você* (2012), que tem como organizadoras Tânia Mara Galli Fonseca e Blanca Brites, nos fala de pessoas que vivem no Hospital Psiquiátrico São Pedro, as quais possuem vidas afetadas pela desrazão, mas, sobretudo, aponta para a capacidade de invenção que habita qualquer sujeito, dentro ou fora dos muros hospitalares. Apresenta obras de "artistas-loucos" e aponta para a arte como um terreno livre para enunciar mensagens de aberturas para outras possibilidades existenciais (FONSECA, 2012).

Nesse sentido, entende-se que estas capacidades dos "artistas-loucos" é sustentada, enquanto processo seguro de *holding,* pela arte, pensando diante de um viés psicanalítico Winnicottiano. É através do *holding* que estes sujeitos sustentam suas vidas e suas histórias na/pela arte, com intuito de se verem enquanto seres que (re) criam e (re) inventam, e assim, produzem modificações no olhar do outro. Deste modo, entende-se que:

> Na produção de um estado de arte no espectador não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas sim de captar forças, forças que atravessam as figurações e nelas se encarnam. Não se trata de "fazer o visível, mas de fazer visível" (FONSECA, 2005, pág. 07).

Neste contexto é importante enfatizar Nietzsche (1992), quando o mesmo nos diz que a principal questão da arte é o seu poder instaurador, assim como o artista é o divinizador da vida. A arte possui raízes profundas nas quais o intelecto não consegue chegar, isto é, segundo o filósofo, a linguagem da arte nasce de dentro para fora. Neste âmbito, Fonseca (2005) enfatiza este autor discernindo que o gesto artístico não se resume apenas em produzir belos quadros ou músicas, as quais a psicanálise visa interpretar. O gesto artístico sustenta a produção de uma vida, ligada a uma estética da própria existência. A vida como sendo obra de arte.

Entender a vida enquanto obra de arte remete a uma reflexão sobre a história do sujeito, entendendo que a mesma pode ser compreendida na arte, no momento em que tomamos como função relacional o processo de criação desses sujeitos. A arte proporciona a sustentação dessa história de vida do "louco", a qual não precisa ser interpretada

necessariamente, mas sim carece ser vista, pois a loucura deve ser entendida, refletida, discutida e não mais silenciada.

Desta forma, Frayze-Pereira (2007) nos diz que podemos estabelecer uma analogia entre os modos de se fazer arte e certa tendência crítica da psicanálise contemporânea, a qual se resume na ideia de que é próprio do saber não o ver ou o demonstrar, mas o problematizar, isto é, interrogar radicalmente os campos que inconscientemente fixam os modos de ser no mundo.

Deste modo, quando Clarice Lispector nos diz "sou como você me vê", entende-se que a loucura pode ser vista de várias formas, a história de cada sujeito pode ser vista diversificadamente e, neste sentido, a história dos loucos sustenta suas vidas diante de todos os momentos de suas histórias através da arte. Assim, o nosso olhar sobre a arte destes será como uma brisa ou uma ventania, pois dependerá de como eles irão se ver, assim como dependerá do jeito em que nós os veremos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou possibilitar novas reflexões diante da relação entre arte, loucura e psicanálise, deslocando-as do campo da interpretação e do pulsional, para o campo da relação, pensando no espaço de criação e de invenção de novas formas dos sujeitos ditos "loucos" viverem sustentados na/pela sua história. Assim, considera-se a singularidade enquanto elemento no processo de criação, refletindo criticamente sobre a posição do sujeito e da loucura na sociedade atual, convocando a responsabilidade do fazer psicanalítico diante desta realidade. Frente a isso, se busca entender a relação existente ente o ato de criação e o ato analítico. Portanto, ao falar sobre o processo de criação, apresenta-se uma condição de movimento, aberta a novas construções, críticas, enunciações e olhares.

THE LINK BETWEEN ART, PSYCHOANALYSIS AND MADNESS: BY A SPACE OF CREATION AND INVENTION

Abstract: This writing seeks to enable new reflections on the relationship between art, psychoanalysis and madness, moving them from the field of interpretation and the instinctual, the relationship to the field, thinking the space of creation and invention of new forms of subject "said Crazy "sustained live in / by your story. For the writing of this article, we used the literature in the form of a literature review aimed at exploratory-descriptive study Thus,

using this methodology we sought to perform a theoretical reflection on the theme, using mainly two works by Freud and the works of Winnicott, with a view to consider art as a function of holding. Therefore, this article aims to discuss and contribute to the construction of new ideas and thoughts that can continue to innovate in the face of this theme in the field of Psychology.

Keywords: Psychoanalysis. Art. Madness. *Holding***.**

Referências

ALLONES, C. R. **Psicologia clínica e Procedimento clínico**. In: D'ALLONES, C. R. et al. (orgs). **Os procedimentos Clínicos nas Ciências Humanas: documentos, métodos, problemas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ALVES, Rubem. **Se eu pudesse viver minha vida novamente.** Editora: Verus, 2010.

AUTUORI, Sandra. **Clínica com Arte:** considerações sobre a arte na psicanálise. 2005. Dissertação (Mestrado), UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

BARRON, James; EAGLE, M.; WOLITZKY, David. **Interface of Psychoanalysis and Psychology**.Washington: American PsychologicalAssociation, 1992.

BIAZUS, Camila B. Incerteza e Invenção: Um percurso da criação artística à Psicanálise. **Disc. Scientia**, Santa Maria, v.10, n. 1, p. 135-149. 2009.

BUSCHINELLI, Cintia**.** A psicanálise de mãos dadas com a arte. **IDE 46**: Layout 15/18/08. Page 150. Editor. Rio de Janeiro, 1998.

DESVIAT, Manuel A. **Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

FONSECA, Tania Mara Galli. **Imagens que não aguentam mais**. ANPUH – XVIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

FONSECA, Tania Mara Galli; BRITES Blanca. **Eu sou você**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FRAYZE-PEREIRA, João A. Segredos de família em exposição: psicanálise e linguagens da arte contemporânea. **IDE,** São Paulo, v. 30, n. 44, p. 96-102, jun. 2007.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo. (1914). In: _____. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro, 2004. p. 95-119.

FREUD, Sigmund**.** Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXIII (1908-1917). Vol. XVI. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

KON, Noemi Moritz. Entre a psicanálise e a arte. In: SOUSA, Edson Luis André de; TESSLER, E; SLAVTZKY, Abrão. (orgs.). **A invenção da vida: arte e psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

KON, Noemi Moritz. **Freud e seu duplo:** reflexões entre psicanálise e arte. São Paulo: Editora da USP: FAPESP, 1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7:** a ética da psicanálise. (1959 – 1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LOPARIC, Zeljko. Esboço do paradigma Winnicottiano. **Cadernos de história e filosofia da ciência,** v. 11, n. 2, p. 7-58. 2001.

NEUBARTH, Bárbara. **No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor:** a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro: inventário de uma práxis. Tese (Doutorado em Educação), UFRGS, Porto Alegre, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O nascimento da tragédia ou helenismo ou pessimismo**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1992.

PASSERON, R. Por uma Póianálise. In: SOUZA, Edson Luiz; TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão (orgs). **A invenção da vida:** arte e psicanálise. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

RIVERA, Tania. **Arte e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RIVERA, Tania. Gesto analítico, ato criador. Duchamp com Lacan. **Pulsional, Revista de Psicanálise**, n. 184, p. 65-72. 2005.

RIVERA, Tania. O sujeito na psicanálise e na arte contemporânea. **Revista Psicologia Clínica,** v.19, n.1, p.13-24. 2007.

SILVA, Rubem Abrão; BRITO, Cristiane D.; DRESSLER, Carla Viviane G. Vincent van Gogh e a utilização das artes nas práticas de reabilitação em Saúde Mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental,** Florianópolis, v. 3, n. 7, p. 1-15, jul./dez. 2011.

SOUZA, Vera Cristina Chagas Corrêa. **Defesa e viver criativo:** um estudo sobre a criatividade nas obras de S. Freud e D. W. Winnicott. Curitiba: Juruá, 2011.

TESSLER, Elida. Da representação à apresentação: deslocamentos por entre algumas histórias da arte. In: PANITZ, Marilia; AZAMBUJA, Renata. (orgs.). **Histórias [S] da Arte:** do moderno ao contemporâneo. Brasília: Universidade de Brasília; Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

WINNICOTT, Donald Wood. O Desenvolvimento Emocional Primário". In: WINNICOTT, D. W. **"Da Pediatria a Psicanálise** (Tradução de DavyBogomoletz). Rio de Janeiro: Imago, 1945.

WINNICOTT, Donald Wood. A criatividade e suas origens. In: WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZOSCHKE, Camila. A Arte e a Loucura: Uma Aproximação Histórica. In: V FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 2006/2007, Curitiba. **Anais.** Curitiba, 2008.